

Capítulo 1

Introdução: no interior da cidade

A primeira vez que entrei no Casal Ventoso foi no mês de Março de 1992. Manhã cinzenta em que caía uma pequena chuva insistente. Da Meia-Laranja, no alto da encosta, não se via o Bairro. O edificado da Rua Maria Pia tornava-o invisível. A partir daí iniciei um percurso que viria a ser sempre descendente. Surgiu, de repente, um pequeno arruamento com cerca de trinta metros que me guiou às Escadinhas do Bordas. Sabia antecipadamente que, quando as descesse, estaria já em pleno Bairro. Comecei a ouvir o tema musical do filme *A Ponte sobre o Rio Kwai*, assobiado à distância. Tratava-se de um comprador de droga que, pouco depois, interrompeu a melodia abruptamente. Parou, apanhando uma tampa de plástico do chão. Depois de a apreciar numa fracção de segundo, soprou para o interior, limpou-a, retomou o assobio e, apressando o andar, desapareceu por entre as Escadinhas. Foi nesse momento que soube que as escadas eram ali. A sua existência não é perceptível, mesmo a curta distância. Parecem simplesmente uma pequena fenda por onde entram e saem pessoas. São íngremes e compostas por dois lanços, cada um com cerca de sete metros de comprimento. Num dos lados há um muro. No outro, uma pequena zona de despejos onde estão espalhadas caixas de detergente vazias, sacos plásticos e, por vezes, um ou outro sapato. No cimo das escadas encontravam-se três homens. Um deles procurava manufacturar uma «chinesa». Um outro tentava afastá-lo, dizendo que passavam ali crianças. O terceiro estava simplesmente deitado, aparentemente adormecido sobre uns cartões, tapado por um cobertor no fundo do qual despontavam os pés descalços.

Procurei descer as escadas rapidamente. Na direcção contrária surgiu um outro rapaz que me questionou acerca de qualquer coisa. Não percebi, no início, do que se tratava e pedi para repetir. Anunciou: *boa coca, bom cavalo*, ao que respondi: «não, não quero, vou para o Centro Social». *Eh pá, desculpa lá...*, disse-me. No momento em que já me tinha afastado repetiu, agora mais alto: *Eh pá, desculpa lá mesmo*. Retorqui-lhe que «não fazia mal» e prosegui a descida pela encosta, agora através da Rua Fresca. O caminho era marginado de ambos os lados por casas não tão degradadas como as que, um pouco mais acima, tinha

avistado, num breve relance do Bairro. Encontravam-se aí algumas crianças e mulheres sentadas em degraus que conversavam e riam. Três rapazes testavam os travões de uma mota e verificavam o óleo. À medida que me distanciava seguiram-me com o olhar. Mais abaixo ainda, um homem brincava com uma criança com cerca de quatro anos. Jogavam à apanhada em pequenos círculos. Uma mulher, de robe vermelho, fitava-os, com as mãos nos bolsos, sem prestar grande atenção. Não me foi difícil encontrar o edifício que procurava. Alguns metros abaixo, ele aí estava, cor-de-rosa pálido e as janelas gradeadas.¹

Esta viagem ao Casal Ventoso tinha como objectivo propiciar o encontro com uma assistente social. Por ela havia sido convidado, ainda não concluída a licenciatura em Sociologia na Universidade Nova de Lisboa, para trabalhar como animador cultural. A existência dessa categoria profissional estava prevista num projecto intitulado de «Intervenção Comunitária». Nesse âmbito, procuraria desenvolver actividades culturais com uma população de trinta adolescentes até aos vinte anos, designada de «jovens em risco», que «dado o meio envolvente podem facilmente ser aliciáveis para uma vida marginal».² Devido a atrasos na aprovação do projecto, as actividades só principiaram em Outubro de 1992. Durante um ano, incidiram sobre um grupo de adolescentes que, no ano seguinte, foi substituído por outro. O último destes projectos encerrou definitivamente em Julho de 1995. Até Julho de 1993 continuei a trabalhar como animador cultural. Só a partir dessa data, embora tivesse sempre continuado a colaborar no projecto, empreendi uma pesquisa, a título pessoal, que se prolongou até Agosto de 1995 e que culminou na escrita da minha dissertação de mestrado, já em 1996. Essa dissertação corresponde, em larga medida, ao texto que aqui se apresenta, salvo algumas alterações na organização dos capítulos e, naturalmente, as que decorreram do trabalho de revisão.

O texto encontra-se conjugado no presente. Como se tivesse sido escrito há algumas horas atrás. Este é, e permanecerá, portanto, o Casal Ventoso de 1996. No entanto, o tempo passou por Lisboa e naturalmente percorreu também estas páginas. Cidade e livro são em parte feitos da mesma matéria. Três anos volvidos sobre ela deixaram nele marcas. E que três anos foram estes últimos de Lisboa! Se dela nos aproximarmos provenientes do estuário fluvial, é fácil presenciar as mudanças profundas que se sucederam. A oriente, a Expo 98, a edificação de uma nova ponte sobre o rio e novas zonas residenciais substituíram uma extensa área industrial e portuária – aqui as alterações foram radicais. Na zona ocidental à Praça do Comércio desmantelaram-se os espaços portuários escusos, inaugurando-se, com algumas interrupções, novas áreas votadas ao lazer. A Lisboa som-

¹ Dois anos depois o edifício do Centro Social viria a ser pintado de azul claro.

² V. «Acção de formação para interventores de terreno» (NICPT, projecto «Amanhã», 1992, p. 147) no Instituto do Emprego e Formação Profissional.

bria, das docas labirínticas com recantos, dos armazéns, dos vidros estilhaçados, das figuras lunares e inquietantes da beira-rio, não pode já ser assim imaginada. O conjunto dos bares, e a oriente dos pavilhões de exposição e dos auditórios, tende a convergir num espaço tendencialmente amplo de *vie en rose*.

Esta foi a alteração do cenário fluvial. Uma imagem postal da Lisboa que se desarticulou.

E com que imagem impressionista de transformação ficamos se continuarmos a progredir do rio para norte, pela cidade dentro? Deparamos, antes do mais, com uma profunda expansão das redes viárias que, em articulação com as cinturas rodoviárias externas e internas, conduziram a um aumento significativo das acessibilidades. Se nos quisermos aproximar porém do Casal Ventoso, o melhor será deslocarmo-nos em voo rasante através do Vale de Alcântara, quase como se utilizássemos o mesmo percurso da Ponte 25 de Abril para penetrar na cidade. Quem antes conheceu esta área aperceber-se-á decerto de como a sua característica de nó viário se intensificou mais ainda. Estradas e viadutos cortam o vale em todas as direcções. Os últimos hectares de oliveiras da encosta oeste que restavam do início do século foram suplantados pelo caminho de ferro, que, não atravessando ainda a ponte no momento em que escrevo estas linhas, a atravessará já, porém, no momento em que o leitor as estiver a percorrer.

Os três anos que passaram por Lisboa trouxeram para o Casal Ventoso alterações profundas. Com base num «plano integrado de reconversão», financiado na sua maior parte pelo Programa Urban da Comunidade Europeia e, num montante mais reduzido, pelo Estado português, a população do Casal Ventoso começou a sofrer desde final de 1998 um processo de realojamento em larga escala que culminará com o desmantelamento da maior parte do tecido residencial do Bairro.

O solo de aparência lunar árido e desabitado que correspondia em 1996 apenas a uma curta faixa do seu território, junto à Avenida de Ceuta, alastra-se agora como uma clareira ascendente por toda uma vasta extensão, alcançando a Rua Costa Pimenta.

Presentemente, esta pesquisa não se encontra já portanto apenas concentrada nas vivências e nas dinâmicas do Bairro. Ela vê-se projectada para fora desses limites, constituindo um olhar sobre aqueles que daí transitaram em bloco para a Quinta do Cabrinha, na outra margem da Avenida de Ceuta, para os edifícios do PER que se situarão na parte inferior da encosta ou ainda sobre aqueles que se dispersarão pela cidade e concelhos limítrofes. Espero portanto que este livro consista numa boa sugestão para acompanhar os seus percursos. Gostaria também de sentir que, salvaguardada de extrapolações arriscadas, a pesquisa que aqui vos apresento acaba por trazer algum contributo para investigações realizadas noutras zonas urbanas que existam já ou que entretanto venham a surgir.

A passagem do tempo, que mudou a cidade, encarregou-se também de neutralizar parcialmente o efeito de comprometimento que um ou outro apontamento, uma ou outra referência a situações ou denominações, pudessem vir a ter para qualquer habitante do Casal Ventoso. No entanto, creio ter-se garantido, através da alteração de parte substancial dos nomes e de uma identificação pouco definida de certos espaços, que efeitos não premeditados possam advir para a vida das pessoas que se encontram na base deste livro.